



GERAÇÃO Y: UMA NOVA POLÍTICA DOMINANTE

Paulo Henrique Simon¹

Nesta reflexão, realizamos um estudo sobre o discurso projetado no meio digital, o qual vem mudando o comportamento de indivíduos, a partir da materialidade escrita nas redes sociais. Em um mundo cada vez mais conectado e estreitado pela internet, a tecnologia facilitou o acesso à informação e revolucionou a sistemática comunicativa entre indivíduos. Da simples função de aproximar amigos em lugares distantes à capacidade de mobilizar pessoas, as redes sociais têm sido os canais que trouxeram consigo uma nova forma de percepção da realidade e uma experiência exclusiva, responsável por modificar o comportamento comunicativo da sociedade.

A nova geração, que mecaniza um novo modelo de língua, consegue estar em muitos espaços virtuais em um parâmetro de existência à possibilidade de atualizar informações com um ganho de velocidade na escrita digital, dando margem a compartilhar comentários, notícias, vídeos e fotos diretamente dos sites de origem. Evidentemente, este recurso é disponibilizado por uma rede que lidera a preferência de uma grande parcela de internautas: O *Facebook*, o qual tem como objetivo reconfigurar a internet transformando os hábitos de navegação, em um espaço onde “os usuários dessa rede conseguem conduzir suas discussões e tomar decisões baseadas nas recomendações de seus amigos e contatos” (*Revista Info* 2011, página 22).

Para tanto, a nossa reflexão se estrutura na base da escrita constituída nesse meio digital, ao propósito que buscamos entender como o inconsciente se organiza em relação à ordem do discurso na sua materialidade textual, em que um determinado sujeito, limitado pelo seu espaço, o coloca para desempenhar provocações, dando margem a favorecer outros pensamentos e mobilizar diferentes sujeitos em torno de um fato. Assim, identificamos nesse exercício linguístico, os sistemas que se constituem a partir da escrita, formando-se canais de ligação que garantem a (in)formação e o compartilhamento de idéias projetadas instantaneamente.

Pensando o objeto de estudo, recorremos primeiramente a um dispositivo de funcionamento sincrônico e essencial à língua: A materialidade histórica, que nos faz transitar pela Análise do discurso com um propósito experimental ao corpus selecionado. De imediato, o *Facebook* representa uma conjuntura, onde encontramos uma nova geração de sujeitos, a geração Y, que ainda muito desconhecida, consegue, ao mesmo tempo em que se comunica fazer diversas atividades aleatórias relacionadas ao trabalho, ao estudo e ao lazer. Por um lado, são sujeitos que as empresas gostariam de ter: imponentes tecnólogos; rápidos, desafiantes e inovadores. Por outro, uma epidemia gerencial: obcecados pelo crescimento profissional buscam status e destaque social em um período curto de tempo. Possivelmente características assumidas pelos criadores do *TheFacebook*: O americano *Mark Zuckerberg* e seus três colegas, *Dustin Moskovitz*, *Eduardo Saverin* e *Chris Hughes*.

¹ Graduação em Letras pela Universidade de Passo Fundo – UPF (2010). Fone: (54) 9926-0851
E-mail: paulo.henriquesimon@gmail.com



Preocupados com a funcionalidade do site e sua utilidade buscavam uma forma de torná-lo atrativo, tratava-se de um espaço social, limitado apenas aos estudantes da *Universidade Harvard*, lançado em fevereiro de 2004 ganhou adeptos em outras universidades e pela simplicidade do tom azul marinho, conquistou usuários no mundo inteiro.

Assim a partir dessa breve memorização, nos ocorre um questionamento, que eleva o imaginário sobre língua eletrônica na perspectiva que pensamos os dizeres responsáveis por considerar o *Facebook*, como “o site de relacionamentos que revolucionou a maneira como as pessoas se comunicam.” No entanto, é inegável a existência de uma falsa cristalização de que a comunicação foi revolucionada; e pela Análise de Discurso, se engana o indivíduo que pensa assim, pois a revolução não aconteceu na língua e sim na maneira como ela está diretamente ligada ao sistema imaginado e (des)estabilizado pelo condicionamento eletrônico.

Essa (des)estabilização acontece, pelo indício de que a língua eletrônica se projeta com características da fala do indivíduo, pois os descuidos se fundamentam em uma ordem que confere duplicidade: Na primeira ordem, veste o sujeito em sua integridade como se fosse o resultado de sua incontrolável fala. Na segunda, possibilita o acesso ao plano discursivo, para manifestar o interdiscurso que o deixa incapaz de revelar o que está psicanaliticamente organizado em mente. A condição de produção/transformação do discurso apontará para um efeito de sentido, que pode ou não, mobilizar os sujeitos que neste conjunto – do *Facebook*- estão inseridos.

Nesse processo, reinventam-se também, novas possibilidades sobre a produção da leitura, sobre o discurso eletrônico. Assim para teorizar essa idéia, recorreremos ao artigo: *O estatuto do texto na história da reflexão sobre a linguagem*, o qual é parte constitutiva do livro *Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos*, onde Orlandi defende que:

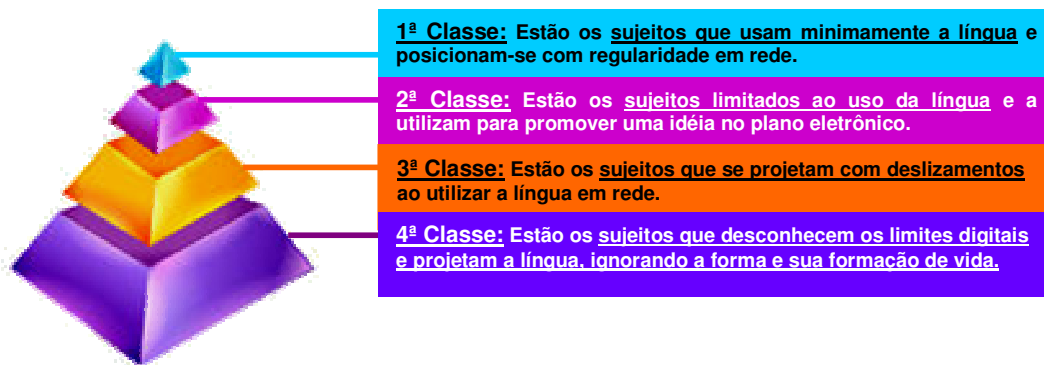
A Análise de Discurso se define pela sua proposta das novas maneiras de ler, colocando o dito em relação ao não dito, ao dito em outro lugar, problematizando as leituras de arquivo, expondo o olhar leitor à opacidade do texto.
As palavras não significam em si. Elas significam porque têm textualidade, ou seja, porque sua interpelação deriva de um discurso que as provê de realidade. É assim que na compreensão do que é texto podemos entender a relação com a exterioridade (interdiscurso), a relação com os sentidos. O texto é um objeto lingüístico-histórico. (pág 87, 2005)

Claramente este outro lugar, é o espaço eletrônico. No âmbito em que estudamos a *rede social de Zuckerberg*, entendida como um espaço que deixa de ser virtual, para ser um espaço digital; o sujeito encontra uma fenda que o limita a produzir enunciados carregados de sentido, possibilitando a interferência de outros sujeitos no fragmento textual que ganha corpo. Claramente, a materialidade manifestada sobre este plano, brota da necessidade real, presa no inconsciente do indivíduo.

Além disso, com o avanço tecnológico, o comportamento dos sujeitos se altera pelo uso da língua. Essa alteração na conduta linguística; se debate entre o limite idiomático e entre a ordem da língua, fator que se justifica pelo modo como os sujeitos se posicionam em relação ao discurso.

Assim, nesse processo, ordenamos os sujeitos em quatro classes conforme representamos no seguinte organograma:

Organograma (2)



Como consequência desse imaginário, temos diferentes modelos de sujeitos que se enquadram nas características indicadas em cada um dos níveis. Ao considerarmos a Análise do Discurso entendemos essa forma comunicativa pela teorização de Orlandi em que “A análise de discurso [...] acolhe o jogo entre o estabilizado e o sujeito a equívoco, espaço de deslimites e indistinções.” (pág. 86. 2001.) Assim, a própria língua ordena uma conjuntura para que o indivíduo se projete de forma a obter um nivelamento no discurso.

No momento em que se ordena uma conjuntura, se estabelece uma política. Assim, a partir do estabelecimento dessa política no modo como a língua acontece sobre a ramificação ilimitada da rede, seja ela com ou sem deslizamentos, fundamenta-se uma naturalização dos sentidos. Ao percorrermos as quatro classes no organograma anterior perceberemos que a maior parcela de sujeitos vem representada pela 4ª classe e como consequência naturalizam os sentidos, posteriormente, ao projetar a língua comparada ao ato da fala.

Além disso, quanto à ideologia que está diretamente ligada ao sujeito, faz-se importante a referência a Pêcheux (1988 p. 189) que diz o seguinte:

[...] “a ideologia é exterioridade...” Isso nos leva novamente à dupla referência ao começar: no funcionamento da forma-sujeito (e especificamente, da forma-sujeito do discurso) tal como ele se realiza nas condições produzidas pelo modo de produção capitalista e sob a dominância geral do jurídico, distingue-se um duplo sistema de referência, para a prática *científica* e para a prática *política*.

A partir das ideologias, ocorre uma situação discursiva em que o sujeito dá à sua materialidade a dimensão que mede a intensidade da palavra e o efeito que ela pode causar, ao período que mobiliza outras extensões. Nessa conjuntura, além de estarem preponderados pela



máquina, os sujeitos que representam a Geração Y, passam a ser dominados por uma política de escrita, presente na materialidade que circunscreve-se com interferências, fato que dá margem a interferência de outros estados, na possibilidade de vender, divulgar ou simplesmente trocar uma informação no circuito elétrico, condicionado pela engenhosidade mecânica da língua. Em outras palavras, a linguagem tecnológica realça a existência do corpo escondido pela roupa da língua pensado ao modo de significar e de se (des)envolver no mundo, possibilidade esta que não se garantiu com o Jornal da Universidade *Harvard*.

Esta é, portanto, uma breve análise, pela qual mobilizamos a prática na investigação e o interesse em entender o funcionamento da língua no plano simbólico imposto pela rede digital, ao propósito que estudamos a política de escrita presente, para a (ex)posição do sujeito estabelecida na ordem do seu pensamento, na ordem da língua e na ordem material em que o processo de escrita ganha um corpo fixo e ilimitado de sentidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Texto: formulação circulação dos sentidos*. Campinas, São Paulo: Pontes 2ª edição, 2005

PECHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Unicamp, 1998